

Meu Brasil



PEDRO DE ALCÂNTARA

O último imperador deixou alguns sonetos, que, bem o sabemos, há quem diga não serem da sua lavra. Ignoramos porque D. Pedro II, alma boníssima, vibrátil, e espírito culto, não pudesse fazer o que fizeram e fazem tantos outros patrícios nossos, a ponto de ser corrente o conceito de que todo brasileiro é poeta aos 20 anos. De qualquer forma, entretanto, o que se não poderá negar é a estreita afinidade destes sonetos com os que, de D. Pedro, conhecemos.

Longe do meu Brasil, triste e saudoso,
Bastas vezes sentia, mal desperto,
Com o coração pulsando, estar já perto
Do pátrio lar risonho e bonançoso.

E deplorava o rumo escuro e incerto,
Do meu desterro amargo e desditoso,
Desalentado e fraco, sem repouso,
O coração em úlceras aberto.

Enviava, a chorar, na aura fagueira,
Minhas recordações em terna prece
Ao torrão que adorara a vida inteira;

Até que a acerba dor, enfim, pudesse
Arrebatar-me à vida verdadeira,
Onde a luz da verdade resplandece.



No exílio

PEDRO DE ALCÂNTARA

Pode o céu do desterro ser tão belo,
Quanto o céu do país em que nascemos;
Nada faz com que o nosso desprezemos,
Acalentando o sonho de revê-lo.

Todo o nosso ideal pomos no anelo
De regressar, e voando sobre extremos,
Com o pensamento ansioso percorremos
Nosso amado rincão, lindo ou singelo.

Jaz no desterro a plaga da amargura,
De acerba pena ao pobre penitente,
De amaro pranto da alma torturada;

A alegria no exílio é desventura,
E' a saudade na ânsia mais pungente
De retornar à pátria idolatrada.

Rogativa

PEDRO DE ALCÂNTARA

Magnânimo Senhor que os orbes cria,
Povoando o Universo ilimitado,
Que dá pão ao faminto e ao desgraçado,
E ao sofredor os raios da alegria,

Se, de novo, no mundo, desterrado,
Necessitar viver inda algum dia,
Que regresse ditoso ao solo amado
Da generosa pátria que eu queria;

Se é mister retornar a um novo exílio,
Seja o Brasil, lá onde eu desejava
Ter vertido o meu pranto derradeiro...

Que, novamente viva sob o brilho,
Da mesma luz gloriosa que eu amara,
Na alcandorada terra do Cruzeiro.

Soneto

PEDRO DE ALCÂNTARA

No exílio é que a alma vive da lembrança,
Numa doce saudade enternecidada,
Tendo chorosa a vista que se cansa
De procurar a pátria estremecida;

Com dolorosas lágrimas avança,
Do sonho que teceu e amou na vida,
Para a morte, onde tem sua esperança,
Na celeste ventura prometida.

E Deus, que os orbes cria, generoso,
Na vastidão dos céus iluminados,
Concede a paz ao triste e ao desditoso

Na clara luz dos mundos elevados,
Onde, do amor, reserva o eterno gozo
Para as almas dos pobres desterrados.

Página de gratidão

PEDRO DE ALCÂNTARA

Tangendo as cordas da harpa da saudade,
Venho ao Brasil buscar a essência pura
Do amor da pátria minha, da doçura
Da flor cheia do aroma da amizade.

Prende-me o coração a suavidade
Desse arroubo de afeto e de ternura
Dalma do povo meu, que de ventura
E de alegria o espírito me invade.

Do misterioso aquém da morte, eu vejo,
Sentindo, essa onda intensa e luminosa
Da afeição, que idealiza o meu desejo:

E tendo a gratidão por companheira,
Volvo ao pátrio torrão de alma saudosa,
Amando mais a Terra Brasileira.

— 384 —

Oração ao Cruzeiro

(No cinquentenário da Abolição)

PEDRO DE ALCÂNTARA

Luminosas estrelas do Cruzeiro,
Iluminai a terra da Esperança,
Na doce proteção de um povo inteiro
Onde a mão de Jesus desce e descansa.

Símbolo sacrossanto de aliança
De paz e amor do Eterno Pegureiro,
Guardai as claridades da Bonança
Na vastidão do solo brasileiro.

Constelação da Cruz, cheia de graças,
Transfundi numa só todas as raças,
No país da esperança e da bondade.

Que o Brasil, sob a luz da tua glória,
Possa escrever, no mundo, a grande história
Das epopeias da Fraternidade.

— 385 —

Bandeira do Brasil

PEDRO DE ALCÂNTARA

Bandeira do Brasil, símbolo da bonança,
Enquanto a guerra estruje indômita e sombria,
Sê nos planos de luta o sinal de harmonia,
Espalhando no mundo as bênçãos da Esperança.

Assinalas, na Terra, o país da Alegria,
Onde toda a existência é um hino de abastança,
Guardas contigo a luz da bem-aventurança,
És o florão da paz, marcando um novo dia.

Nasceste sob a luz de um bem, alto e fecundo,
Nunca te conspurcaste aos embates do mundo,
Buscando iluminar as lutas, ao vivê-las...

E' por isso que Deus, que te ampara e equilibra,
Deu-te um corpo auri-verde onde a paz canta, e vibra,
E um coração azul, esmaltado de estrelas.

Brasil do Bem

PEDRO DE ALCÂNTARA

Eis que o campo de sombra se esfacela
No doloroso e amargo cativeiro
Da guerra que ameaça o mundo inteiro,
Qual furacão no auge da procela.

Mas na amplidão do solo brasileiro
Outra expressão de vida se revela
Nalma cariciosa, heróica e bela,
Que se engrandece ao brilho do Cruzeiro.

Grande Brasil do Bem e da Abastança,
Deus te guarde os tesouros da esperança,
Desde as luzes dos céus à luz dos ninhos!

Segue à frente do mundo aflito e errante
E alça o pendão pacífico e triunfante,
Como a doce promessa nos caminhos!...

Brasil

PEDRO DE ALCÂNTARA

Sopra o vento do Ódio e da Vingança,
Aniquilando a Paz do mundo inteiro,
Embora o Amor Divino do Cordeiro
Seja a fonte da Bem-aventurança.

Mas a terra ditosa da Esperança
Vive nas claridades do Cruzeiro,
Onde o Evangelho é o Doce Mensageiro
Das bênçãos da Verdade e da Bonança.

Meu Brasil, guarda a luz dessa vitória,
Que é o mais belo florão de tua glória
Nos caminhos da espiritualidade.

Ama a Deus. Faze o bem. Todo o problema
Está na compreensão clara e suprema
Do Trabalho, do Amor e da Verdade.

Sonetos



RAIMUNDO CORRÊA

Nascido a 13 de Maio de 1860,
a bordo do vapor *S. Luiz*, na baía
de Mangunça, litoral do Mara-
nhão, e desencarnado em Paris a
13 de Setembro de 1911. Magistrado, membro da Academia
Brasileira, além de justo e bom, pode sem favor considerar-se
um dos maiores poetas da sua geração.

I

Tudo passa no mundo. O homem passa
Atrás dos anos sem comprehendê-los;
O tempo e a dor alvejam-lhe os cabelos,
À frouxa luz de uma ventura escassa.

Sob o infortúnio, sob os atropelos
Da dor que lhe envenena o sonho e a graça,
Rasga-se a fantasia que o enlaça,
E vê morrer seus ideais mais belos!...